

A

contece que eu li Thais Vasconcelos junto ao meu ventilador.

É um ventilador da Arno, que às vezes chamo de Arno Schwarzenegger. Fica guardado boa parte do ano, mas hoje, que é um dia quente, aconteceu-me de o convidar para me acompanhar na leitura às dezesseis e trinta da tarde. Ouviu-me atento, atônito, parado – se identificou, acho. Creio que também experimente a solidão e, no fundo, se preocupe com conseguir acordar cedo e praticar ioga, ser um ventilador melhor, essas coisas. E eu, enquanto lia à frente dele, senti falta da tal voz tremida de vento. Estava desligado.

Foi girar o botão, Arno aconteceu. Passou a virar (sua cabeça?) de um lado ao outro, rindodas palavras de Thais – que é engraçada, mesmo que não saibamos se ganha a vida o tentando ser. Pode ser que aconteça de ser assim. Arno acha que nos daríamos bem, eu e Thais, porque diz que eu gosto dessa graça amarga, que acontece como pedaço de turbina. Apontei para ele uma dissonância crucial: já imaginei morrer de ventilador, mas nunca que ele me mataria. No matar, há uma intenção subentendida entre hélices e, por enquanto, Arno não me deu motivos de suspeita (talvez por não ser de teto).

Girei o botão novamente e, na velocidade 2, Arno ainda virava para os lados (afinal, tem cabeça?). Na nova intensidade ele parecia se recusar a acreditar no que eu lia. É difícil ouvir de morte, ainda mais para um objeto como ele, que teme tanto sua obsolescência e entende tão pouco da minha – ou o contrário. Espero que o mundo não seja cruel com o Arno (dá medo, o ser humano consegue

imaginar tanta crueldade – eu aqui já imaginei umas cinco).

Depois, na velocidade 3, vivendo a tensão do tempo que voa rápido, Arno concordou comigo na possibilidade cinematográfica de morrer de ventilador, achava até irônico o frescor pré-morte da ventilação, porém o que lhe deu calafrios foi imaginar um encontro num café, sem hora marcada e lugar. Como vão se encontrar duas pessoas que não combinam direito? Talvez, no fundo, o movimento de marcar o café seja o tal do frescor. Pode dar boa, mas pode dar ruim. Pensamos numa música, possivelmente não tão cinematográfica quando a que Thais escolheu. Eu e Arno enviaremos quando aprendermos a tocar (estamos fazendo aula de escaleta, ele sopra e eu tecló).

De tanto elucubrar, aconteceu que Arno ficou cansado (da cabeça? alguém sabe me dizer?). Aconteceu também de cair uma chuva fria e eu aconteci de não precisar dele agora, o que foi bom para o poupar. Por isso essa escrita solitária, nada que eu já não tenha me acontecido antes. Thais, se estiver lendo, marquemos um café amanhã, vamos conversar. Seu texto me aconteceu.

bialopse / bruno lops

Este texto é uma das ações de conclusão do projeto *Brasis por escrever*, uma realização do Platô – Pesquisa e Produção, que por meio de encontros virtuais, de dezembro de 2020 a julho de 2021, reuniu uma turma de autorxs de diversas localidades do Brasil para estudo e criação de dramaturgias com orientação de Cecília Ripoll e Diogo Liberano (região Sudeste): Carolina Queder (Centro-Oeste), Denni Sales (Norte), Janaína Fukuxima (Sul), Thais Vasconcelos (Norte) e Thiago Dominoni (Sul).

Agradecemos ao leitor Bruno Lops (bialopse) pelas palavras escritas após a leitura da dramaturgia *E se o ventilador me matasse?* da autora Thais Vasconcelos.

